

---

## In/visibilidades: dissidências sobre “passar” por cisgênero nos *trans studies* e nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*<sup>1</sup>

Taís SEVERO<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### Resumo

Este trabalho busca delinear certas disputas políticas e de sentido que emergem dos acionamentos sobre a in/visibilidade transgênero em comunidades de temática trans no *Reddit*. Confrontamos uma revisão dos *transgender studies* a uma etnografia digital nas comunidades de pessoas trans no *Reddit*, ressaltando seus pontos de encontro e de divergência, e utilizando como eixo analítico as instabilidades do dispositivo de “passar” por cisgênero. Por fim, demonstramos que o projeto identitário dos *trans studies* sofre resistência nas comunidades do *Reddit*, que mobiliza múltiplos significados para a construção da cisgeneridade nos corpos trans.

**Palavras-chave:** estudos de gênero; transgênero; *transgender studies*; *Reddit*; passar.

A internet tem proporcionado que pessoas trans estabeleçam conversações com seus pares, compartilhem informações sobre as tecnologias e corporalidades afirmativas do gênero, e acessem histórias de vida que demonstram e inspiram práticas discursivas, alterando inexoravelmente os rumos dessas existências. Nesse contexto, encontramos uma multiplicidade de vozes empenhadas em informar, debater e dar suporte nas comunidades de temática trans do *Reddit* – plataforma de fóruns digitais e 17º *website* mais acessado do mundo, com mais de mais de 52 milhões de usuários ativos por dia<sup>3</sup>. O ecossistema de comunidades de pessoas trans no *Reddit*, centrado no fórum *AskTransgender*, configura um espaço em que são compartilhados saberes fundados tanto em narrativas pessoais como nos ativismos e na literatura científica, e que incentiva uma perspectiva abrangente da variação de gênero enquanto expressão de uma subjetividade individual e legítima. A manutenção de um espaço seguro às discussões dos temas trans, e que através da coletividade depura e aprimora suas perspectivas sobre esses assuntos, mostra-se fértil, pertinente e relevante aos estudos de gênero na comunicação.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gênero, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS), e-mail: [impostster@gmail.com](mailto:impostster@gmail.com).

<sup>3</sup> REDDIT. **Press**. Disponível em <<https://www.redditinc.com/press>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

---

Essas comunidades, no entanto, são cercadas de pontos de contenção que permanecem em vigorosa disputa. Ao longo dos cinco anos em que participamos dos fóruns de temática trans do *Reddit*, e onde realizamos uma etnografia digital<sup>4</sup>, percebemos que as problemáticas acerca da in/visibilidade da variação de gênero, particularmente no dispositivo de “passar” por cisgênero, revelam uma controvérsia que gera profundas fragmentações. Além disso, fazem emergir sentidos contraditórios – muitas vezes reproduzindo normatividades cis-binárias e paradigmas essencialistas que vão contra as perspectivas afirmativas às identidades e experiências trans.

Sendo assim, para compreender as contestações internas que dividem essas comunidades, bem como as transnormatividades que perpetuam discriminações e opressões de parte a parte, buscamos o apoio de um campo teórico que expõe e caracteriza esses conflitos, mas também parte do pressuposto da legitimidade de seus sujeitos. Assim, ao optar pelos *transgender studies*, procuramos acionar uma das investidas iniciais das próprias pessoas trans em perscrutar e discutir teorias sobre suas vivências em relação ao sistema sexo/gênero, mobilizando uma multidisciplinaridade acadêmica e ao mesmo tempo valorizando os atravessamentos pessoais. Como aponta Stryker (2006), os *trans studies* são uma proposta crítica que considera a experiência corporificada de seus sujeitos, ao proclamar um saber constativo de si como um componente fundamental da análise do fenômeno trans.

Mais do que qualquer outro tema, as pessoas trans binárias do *Reddit* debatem incansavelmente os desejos, as angústias e os dispositivos de “passar” – que grafamos entre aspas seguindo Overall (2012), apontando que “passar” é uma perspectiva baseada em dois erros ontológicos: uma compreensão errônea do que é a identidade de gênero, e uma crença incorreta nos contrastes e diferenças entre pessoas trans e cis. Sendo assim, o uso de aspas busca salientar que a expressão, em si, é uma forma de opressão linguística normativa, fundada em um “equivoco metafísico” sobre a constituição do gênero (OVERALL, 2012, p. 204). “Passar por cisgênero” está presente em parte significativa nas discussões do fórum *Asktransgender* e em comunidades afins. O conceito de identidade transgênero acionado por essas comunidades parte da autoidentificação enquanto inegociável, e rejeita as etiologias patologizantes que

---

<sup>4</sup> SEVERO, Tais. **In/visibilidades:** A constituição dos mundos trans nos *transgender studies* e nas comunidades do *Reddit*. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - UFRGS, Porto Alegre.

---

conformaram as identidades trans no século XX. Ao mesmo tempo, esse conceito está calcado em uma narrativa re-essencialista que pressupõe a inevitabilidade neurológica e congênita do sexo/gênero. Tal enquadramento delinea uma “condição trans” que exige resolução: o processo de transição de gênero que, em sua consequência ideal, faculta à pessoa trans conquistar a vivência legítima no grupo correspondente à sua identidade. As tipologias consolidadas pelos *trans studies* aproximariam esses acionamentos ao paradigma transexual; no entanto, este é um termo rejeitado com veemência pela maioria das pessoas trans no *Reddit*, por seu histórico medicalizado e pela associação linguística à sexualidade. “Transgênero”, então, é adotado como uma alternativa incontestavelmente mais plural, estabelecido através da consolidação de um discurso em que a cirurgia transgenital é uma opção, entre tantas outras, na transição – ou seja, a genitália não tipifica uma identidade de gênero. Apesar disso, como pretendemos demonstrar, o uso de “transgênero” no *Reddit* apresenta dissidências a este projeto identitário e político como delineado pelos *trans studies*.

A um corpo trans, “passar” por cisgênero é um dispositivo acionado por uma série de fatores, incluindo aparência física do rosto e do corpo; comportamento, postura, gestuais e maneirismos; tom de voz e padrões de fala; roupas e acessórios; entre outros. Seu objetivo, na versão mais vigorosa, é apagar, modificar e/ou substituir de forma completa os signos reconhecíveis do gênero designado no nascimento. No entanto, alguns fatores, como os imutáveis (altura, por exemplo), a confiança adquirida (que corrobora desvios normativos) e o político (que influencia um encontrar a si, mais do que emular, ou mesmo rejeitar a emulação), entre outros, formam versões menos incisivas, idealizadas e binárias de “passar”. Processo que leva tempo variável e depende do acesso às tecnologias e próteses de gênero necessárias, a prática é relacionada a uma vitória pessoal e um alívio dos temores e da ansiedade. Como aponta Stone (2014), “A coisa mais crítica que um transexual pode fazer, o que constitui sucesso, é ‘passar’. Passar significa viver com sucesso no gênero escolhido, ser aceito como membro ‘natural’ daquele gênero. Significa a negação da mistura” (STONE, 2014, p. 14, tradução nossa).

De forma geral, o espaço identitário transgênero no *Reddit* indica um liberalismo individualista que orienta essas pessoas a reconstruírem a partir de si, e somente para si, a vivência e a expressão do gênero informadas pela subjetividade. É esse caráter, a

---

multiplicidade de alternativas, que permite que “passar” seja um objetivo opcional e flexível às diversas identidades sob o guarda-chuva transgênero. Apesar de respeitar a pluralidade de vivências e experiências, parte significativa do público trans do *Reddit* vê “passar” como resultado ideal da experiência de uma transição, e é possível perceber uma hierarquia de valores, especialmente em comunidades de fotografias de si (*selfies*) como *TransAdorable* e *TransTimelines*, onde quem “passa” com maior êxito acumula maior capital social. Além disso, a preocupação em “passar” gerou a criação do *TransPassing*: um fórum dedicado para que seus membros publiquem *selfies* e recebam as opiniões da comunidade sobre o quão bem estão “passando” em seu gênero e/ou recebam conselhos para “passar” melhor.

A inquietação, no entanto, não é recente nem restrita ao *Reddit*. As problemáticas de “passar” já vêm sendo estudadas desde o início do século XX. No que tange ao gênero, o registro histórico mais antigo data do ano 1394 (HENNINGSEN, 2019), e é observado com frequência a partir do século XVIII (FEINBERG, 1992). Em sua forma mais abrangente, “passar” é compreendido como o movimento de um grupo identitário a outro, em geral da marginalidade para o centro – simultaneamente provocando as leituras contraditórias a) de uma traição ética e/ou moral da própria identidade e/ou de uma cultura vigente; b) do desenvolvimento e da implantação de estratégias complexas de sobrevivência, que buscam resguardar contra discriminações e preconceitos; e c) de um deslocamento para um lugar ou situação que possibilita a verdadeira expressão e realização de si (MORIEL, 2005). Além do gênero, “passar” é observado nas esferas da etnia, da sexualidade, da classe e da religião (HARRISSON, 2012; MORIEL, 2005), entre outros.

Nos *trans studies*, “passar” é também um tema prolífico. De fato, o campo de estudos nasce de um chamamento à resistência contra a assimilação contida em “passar”, aceitando e valorizando um local não-estável. Como propõe Sandy Stone (2014) em *The Empire Strikes Back: A Posttranssexual Manifesto*, publicado originalmente em 1991 e considerado texto fundador dos *trans studies*, desconstruir a obrigatoriedade de “passar” é um movimento necessário, que demanda que as pessoas trans se responsabilizem por seu histórico e rearticulem suas vidas não como uma série de apagamentos, mas como uma ação política que começa pela reapropriação da diferença – e pela retomada do poder contido em um corpo reconfigurado e reinscrito

---

(STONE, 2014, p. 16). Para a autora, o potencial de mudança social reside na ocupação do espaço irrepresentável da multiplicidade de corpos não-normativos, rejeitando a narrativa do “corpo errado” e constituindo as pessoas trans não como uma classe, mas como uma categoria: um conjunto de textos corporificados, com potência para a disrupção produtiva de sexualidades estruturadas e para a exploração do desejo (STONE, 2014, p. 14).

Para viabilizar essa empreitada, Stone conclama as pessoas transexuais a tornarem-se visíveis. Para a autora, “passar” apaga a experiência vivida antes da transição, impossibilita relacionamentos sinceros, e impede uma vida alicerçada nas possibilidades intertextuais físicas e subjetivas do corpo transexual (STONE, 2014, p. 14). Emergir da invisibilidade e adquirir voz permitiria, então, expressar e sedimentar a perspectiva de que o gênero é uma rica e complexa estruturação de identidade e desejo – ou seja, mais diverso do que a naturalização normativa dá a perceber. No entanto, Stone não ignora que “passar” é um objetivo real e potente: “Eu não poderia pedir nada mais inconcebível a uma pessoa transexual do que abrir mão de passar, de ser conscientemente ‘lido’, de ler-se em voz alta” (STONE, 2014, p. 16, tradução nossa). Na visão da autora, é essa inquietante e potente leitura que permite escrever a si mesmo nos discursos onde se foi inscrito, e efetivamente, tornar-se pós-transexual.

Dando continuidade às estratégias descritas por Stone, Bornstein (1994) é também bastante crítica à prática de “passar”. Para a autora – que assume, defende e propõe uma posição identitária sem gênero, ou contra o gênero –, o conceito de “passar” está embutido na acepção cultural da transexualidade, e, com isso, pessoas transexuais não questionam o sistema de gênero que suas existências poderiam debilitar. Pelo contrário: através do encargo de “passar”, a cultura usa as pessoas transexuais para reforçar o sistema binário de gênero (BORNSTEIN, 1994, p. 127). Definindo a prática como uma forma de fingimento e uma resposta subjugada ao imperativo cultural de que é necessário ser de um gênero ou de outro, Bornstein percebe que “passar”, com efeito, “se torna manifestação de vergonha e capitulação. Passar se torna silêncio. Passar se torna invisibilidade. Passar se torna mentiras. Passar se torna renúncia” (BORNSTEIN, 1994, p. 125, tradução nossa).

Apesar dessa perspectiva, Bornstein admite que também procura “passar” – para evitar ser vítima de violência, para não ser vista como uma aberração, e para realizar o

---

sonho de viver como mulher (BORNSTEIN, 1994, p. 126). De fato, apesar de adotar um posicionamento político e identitário que procura se desvencilhar da normatividade e da compulsoriedade do gênero, a autora descreve de maneira contundente os efeitos subjetivos de não “passar” – nesse caso, através dos afetos do pronome invertido:

Quando eu preparava a versão final desse livro, alguém que eu conheço apenas de vista veio à minha casa [...]. Em uma conversa casual, ele escorregou em um pronome e se referiu a mim como “ele”. Deixei-me contar o que aconteceu, da forma como se passou dentro da minha cabeça. O mundo desacelerou, como nos filmes em que alguém está levando tiros e o cineasta quer que você sinta cada bala entrando em seu corpo. As palavras ecoaram em meus ouvidos repetidamente. Anexo ao simples pronome estava a palavra ‘fracasso’, seguida imediatamente pela palavra ‘aberração’. Toda a alegria retirada da minha vida naquele instante [...] Ali estava alguém que jamais havia me conhecido como homem, se referindo a mim como homem. (BORNSTEIN, 1994, p. 126, tradução nossa).

Dessa forma, o relato de Bornstein demonstra a contradição que reside no dispositivo de “passar”: conformidade e apagamento, mas também realização, inclusive pela invisibilidade. Percebendo a dicotomia, Prosser (1998) propõe que “passar” é manifestação distinta nos projetos identitários transexual e transgênero – sendo o segundo modelo mais adequado às identidades não-binárias. Na perspectiva do autor, e como encontramos no *Reddit*, para a pessoa transexual “passar” é um alívio e um lugar de conforto que alinha a identidade interna com a social – e permite que o mundo veja essa pessoa da mesma forma que ela própria se vê e sente. Já para a pessoa transgênero, no desdobramento mais alinhado às teorias *queer*, “passar” é o oposto: um fenômeno que deontologiza o sexo e o gênero, e este fazer do gênero desestabiliza profundamente a realidade de um “ser” (PROSSER, 1998, p. 184-185).

Entre essas perspectivas, outros autores buscam desarmar a dualidade. Moriel (2005) afirma que “passar” rompe a suposição subjacente de que estereótipos de gênero espelham traços identitários inerentes, e nos liberta para examinar um espectro amplo de possibilidades. Da mesma forma, Overall (2012), falando a partir de uma posição cis-feminista, argumenta que “passar” não é fraude ou mentira porque tais interpretações são baseadas em uma deturpação da representatividade que não ocorre em pessoas trans. Ao contrário, as “aspirações de gênero são, de fato, bastante públicas: manifestam o gênero com que se identificam. Gênero é o que o gênero faz. A pessoa

---

trans está fazendo gênero, da mesma forma que a pessoa cisgênero” (OVERALL, 2012, p. 207, tradução nossa).

As comunidades de pessoas trans no *Reddit* problematizam as propostas de abandonar o dispositivo de “passar”, ressaltando um bem-estar individual que se coloca como prioritário a qualquer convocação política. Além disso, percebemos que a prática é retratada como uma forma de acessar as experiências de vida “normais” e normativas, consideradas reservadas às pessoas cisgênero: nos relatos encontrados no *Reddit*, cis e trans emergem como opostos diretos. Por força da hegemonia, e de uma idealização proporcionada pela naturalização do discurso normativo, o privilégio cis é a cidadela murada onde habitam apenas os que se identificam com o gênero designado no nascimento. Uma vez que cis e trans se colocam como pares opostos, e “passar” é um dispositivo temporário e revogável, os públicos trans do *Reddit* informam, com insistência, que “passar” por cis não é o mesmo que *ser* cis. No entanto, afora certos aspectos irrelevantes às relações cotidianas, os resultados e efeitos são os mesmos. Ou seja: ao analisarmos a ordem do discurso encontrado nas comunidades de pessoas trans no *Reddit*, notamos que “passar” por cis é também produzir cisgeneridade, causando o apagamento da diferença e do histórico gênero-divergente – o que é majoritariamente ressaltado de forma crítica, e mesmo negativa, nos *trans studies*.

No entanto, a análise crítica de Stone (2014), que ecoa nos *trans studies*, ignora que “passar” é um processo que também se refere ao espelho, como êxito sobre a incongruência e a disforia. Muitas vezes, nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*, “passar para si” é tão importante quanto “passar” para a sociedade – pois indica reconhecer o próprio gênero ao olhar para si mesmo. Como exemplo, em duas conversações no *AskTransgender*, em 01/10/2019 e 17/05/2018, respectivamente, percebemos esse enfoque:

MammothMoth<sup>5</sup>: Existe o momento em que você verdadeiramente passa para si mesma? Três anos e eu ainda luto contra a depressão porque não sei até que ponto eu vou passar um dia – especialmente para mim mesma. E é esse o problema, não é? Eu nunca vou não-ver minha versão antiga. Meu médico me disse recentemente: o problema é que você se vê com sua cabeça, todo mundo vê você com os olhos.

UnusualCrow: Desde que eu comecei a me apresentar no meu gênero, eu logo estava passando. [...] Embora eu esteja contente (mas não feliz) com

---

<sup>5</sup> Os nomes de usuário foram trocados para preservar a identidade dos participantes.

---

minha aparência, se eu olho por muito tempo em fotos recentes ou no espelho, eu penso: “Como diabos eu passo?” [...] Como é possível que eu passe tão facilmente para estranhos ou amigos pós-transição, mas se analiso minhas fotos, eu sinto que não passo? [...] Então, o que está acontecendo? E mais importante, vai passar? (sem trocadilho) Isso melhora à medida que o tempo passa? Essas características [masculinas] que eu não quero são mesmo reais?

De forma semelhante, em post na comunidade brasileira TransBR, a dificuldade de autorreconhecimento provoca dúvida sobre o resultado de interações sociais:

ChillSpecter: [...] Estou em transição faz aproximadamente 1 ano. Como as pessoas tratam vocês em situações tipo uber ou caixas de mercado? Como saber se as pessoas são apenas politicamente corretas ou se de fato conseguem ser passável?

Esses relatos, entre outros, indicam os desafios de perceber a própria imagem, e a instabilidade em construir uma perspectiva de si, em especial nos momentos em que as mudanças ainda estão em curso. Em que pese a possibilidade desses olhares estarem calibrados por ideais normativos e estereotípicos da aparência de gênero, e serem acionados através de uma análise excessiva que busca e ressalta qualquer desvio do padrão, é necessário considerar a dimensão subjetiva de ver a si mesmo no espaço corporificado/sexuado desejado – assim como o deslocamento disfórico do não-reconhecimento que persiste durante a transição. Esse é um sentido que não encontramos em nosso mergulho nos *trans studies*, que enfatizam “passar” através de suas problemáticas política e social. Ao falharem em considerar o aspecto da autoimagem, cometem o mesmo erro que apontam em estudos médicos e sociológicos que ignoram a subjetividade das pessoas trans. Não é apenas importante para esses indivíduos serem vistos no gênero correto; é preciso também verem a si mesmos nesta posição. Nesses casos, é curioso que a palavra e o conceito de “passar” persistam mesmo quando afetam apenas a si. Apesar das comunidades no *Reddit* insistirem e validarem o gênero de pessoas trans como real, legítimo e inato, o esforço da transição parece persistir limitado a “passar”. Poderíamos conjecturar, então, que os *trans studies* não consideram “passar para si” em suas análises por julgar que o dispositivo não se aplica fora de um contexto interacional.

Nesse sentido, Bettcher (2014) vê em “passar” a ação de um dispositivo normativo e opressor que aprisiona as pessoas trans em um sistema inescapável onde ou se engana, ou se finge. Para a autora, as dicotomias estabelecidas entre

---

aparência/realidade e expressão de gênero/corpo sexuado geram o paradoxo de uma realidade em que, qualquer que seja o intuito – “passar” ou não “passar” –, a pessoa trans será relegada à sua aparência e julgada como fraude. Assim, a própria pressão de “passar” é gerada, em parte, pelo desejo de não querer ser visto, ou perceber a si mesmo, como alguém que está apenas fingindo. Para Bettcher, o duplo vínculo enganar/fingir demonstra que o mecanismo do “passar” se torna possível pelas tecnologias de gênero disponibilizadas, mas, ao mesmo tempo, é construído como inevitavelmente artificial pela mera existência e funcionamento dessas tecnologias. A autora nota nessa caracterização a força discursiva da sexopolítica, que propicia a produção da abjeção para reforçar as regras do que é considerado normal e natural.

Uma vez que está ao alcance de uma pessoa trans gerar uma aparência convincente, ela então será confrontada por uma opção sem vitória: tentar passar (e correr o risco de ser exposta como fraude) ou revelar a si mesma (e admitir que estava fingindo ou enganando). E na medida em que não estiver ao alcance de uma pessoa trans gerar uma aparência convincente ou, se for preciso controlar a informação que circula e está disponível sobre seu gênero, ela ainda pode ser representada como quem finge. Com efeito, como a apresentação de gênero e o corpo sexuado são vistos dessa forma (uma correlação entre aparência e realidade), em todas as permutações possíveis, a pessoa trans terá sua identidade relegada à mera aparência, e se encontrará ou exposta a acusações de má-fé, ou relegada a alguém que brinca de faz de conta (BETTCHER, 2006, p. 183, tradução nossa).

Nesse sentido, Harrisson (2012) propõe que uma análise ética sobre “passar” precisa considerar os contextos e as condições de opressão em que o dispositivo é mobilizado. Serano (2016) também aponta que na palavra “passar” está embutido um sentido repressivo, sendo um artifício que transfere a culpa do preconceito do grupo majoritário para as intenções e ações presumidas do grupo minoritário – “o que explica porque as pessoas que ‘passam’ são frequentemente acusadas de estar enganando ou se infiltrando, no caso de serem descobertas” (SERANO, 2016, p. 177, tradução nossa). O ato, muitas vezes julgado ofensivo, já foi crime. Feinberg (1992) aponta que, no século XVII, homens trans – e mulheres se disfarçando de homens para escapar da desigualdade e opressão – que “passavam” eram sentenciados à morte, queimados ou arrastados por uma carroça. No entanto, o fenômeno era corriqueiro: “Passar era tão comum durante os séculos XVII e XVIII que foi tema de romances, biografias

---

ficcionalizadas e memórias, arte, peças de teatro, óperas e canções populares” (FEINBERG, 1992, p. 17, tradução nossa).

Além de buscar a pacificação da percepção e da imagem de si, os motivos para “passar” informados pelas comunidades de pessoas trans do *Reddit* incluem evitar os preconceitos, as violências e as discriminações específicas dirigidas às pessoas trans e assegurar uma vivência cotidiana no gênero correto. Ao atingir grau de mudança ou correção suficientes para “passar”, a pessoa trans, em suas interações corriqueiras, torna invisível sua condição. Para todos os efeitos, diante da sociedade, deixa de ser trans. Pois é vista, percebida, decodificada e tratada como cis; interage com outras pessoas como cis; utiliza sem barreiras os espaços reservados ao seu gênero enquanto cis, como banheiros e vestiários de clube/academia; sofre sexismo/misoginia como cis; se relaciona romanticamente como cis; em casos em que foi realizada a cirurgia transgenital, se envolve sexualmente como cis; enfim, nestes e em outros acionamentos, recebe temporariamente o privilégio cissexista. Estes acionamentos são exemplificados em post de 29/10/2019, cujo título pergunta: “Pessoas trans do *Reddit* que passam, fazer a transição lhes dá os ‘benefícios’ que o outro gênero diz ter?”

CandyClam: Em geral, quando você é aceita, [ocorre] maior intimidade natural entre as mulheres; e maior ocorrência de homens interrompendo quando você fala. Ou não ser levada a sério – opiniões de colegas homens são preteridas às suas porque eles são homens. Então, sim. Pessoas trans que passam são tratadas como seu gênero. Para o bem ou para o mal.

É particularmente sintomático o depoimento de CandyClam ao demonstrar a) um efeito possível da transição binária de gênero, levando de um limite da fronteira ao outro; b) como “passar” habilita as mesmas vivências sociais das pessoas cis, sejam positivas ou negativas; e c) como os estereótipos de gênero absorvem da mesma forma pessoas cis e pessoas trans que “passam”, higienizando o desvio e naturalizando os papéis de gênero.

A alta frequência dos posts sobre “passar” provoca reações no fórum *AskTransgender*. Alguns membros criticam o que percebem como uma ênfase insistente, desagradável, imatura e/ou pouco saudável sobre o assunto. Como resposta, outros usuários pedem que suas preocupações com “passar” não sejam diminuídas ou questionadas. Como exemplo, em discussão postada em 21/06/2019, intitulada “Será

---

que podemos não subestimar o fato de não passar?”, a usuária WaxHydra faz uma reclamação. Ela aponta que parte da comunidade subestima a dor e as dificuldades vividas por quem “não passa”, e relata ansiedade em suas interações sociais – demonstrando que, mais do que qualquer projeto identitário ou genitália, é a aparência do gênero que define a interface com o mundo.

WaxHydra: [...] Digo isto como uma pessoa que começou transição e terapia hormonal há cinco anos e ainda não passa de nenhuma forma. Dizer que minha vida está parada é a melhor maneira de me descrever, ainda que faça esforço para expressar quem eu sou aos outros. Todo dia alguém me puxa pra baixo ao interagir comigo me tratando como alguém que eu não sou. É um problema que me empurra para o suicídio.

Parascythe: Isso tudo de passar/não passar é algo tão complicado de navegar. Em um nível pessoal, passar pode ser super importante. Em um nível mais amplo, o fato de que a sociedade exige que a gente passe é uma merda. É assim que eu vejo. Não deveríamos exigir que nenhuma pessoa passe para ser tratada com dignidade e respeito em seu gênero. Mas também devemos providenciar bons tratamentos para ajudar as pessoas a passarem. Eu não acho contraditório dizer que ninguém deveria passar para ser aceito, e que passar é absolutamente importante para muitas pessoas trans; elas não devem ser constrangidas por isso.

Dentre os comentários que o tópico recebeu, destacamos a ponderação de Parascythe, demonstrando uma das dualidades que envolvem “passar”: um nível pessoal, onde a aparência do gênero correto tem importância na confiança e na autoestima; e um nível relacional, sendo escudo ao preconceito e à violência. Este último atrela o respeito, ou mesmo capital social, à compulsoriedade do “passar”: seja no apagamento da condição trans, que cede privilégio cissexista condicional, seja atingindo as pessoas abertamente trans que “passam”. Nesses casos, ao não misturar expressões de gênero nem confrontar a normatividade, “passar” caracteriza uma pessoa transexual assimilável ou domesticada, que se ajusta à binariedade, configurando uma pessoa trans que não se parece com seus pares. Parascythe critica a exigência de “passar” em sociedade, mas também defende a ampliação de tratamentos médicos para que a prática seja mais disponível; e indica que “passar” não deveria ser obrigação, mas também que não se deve condenar quem tem esse objetivo. Ao demonstrar algumas das dicotomias dessa situação, a usuária evita um julgamento unilateral, e prefere deixar a cargo de cada pessoa trans, em sua transição, a decisão por “passar” ou não – ao mesmo tempo condenando a postura higienista do cissexismo.

---

Em outros casos, a questão parece mais peremptória. A resposta da usuária Pignite rechaça uma alteridade inerente à condição trans, afirmando o desejo de apagamento da diferença:

Pignite: Eu quero ser tratada como uma mulher. Não uma mulher trans; uma mulher. E a maioria das pessoas não consegue fazer isso naturalmente com alguém que não passa, elas precisam fazer um esforço. Eu não quero que elas façam esforço. Eu quero que seja natural.

Além disso, ser trans é perigoso. Se você não passa, você pode ser estuprada ou assassinada ou espancada até a morte, ou ser encurralada em um banheiro ou qualquer outro lugar, ou mesmo apenas sofrer a boa e velha agressão verbal. Passar é uma questão de segurança. Poder passar por cis faz com que viver seja muito mais seguro para nós.

A autora do comentário ainda ressalta que não é suficiente ter seu *status* de mulher acomodado por uma compreensão política que legitime seu gênero: ela quer “que seja natural”, marcando no termo essencialista a visão de uma normalidade da qual não faz parte, e que só pode ser acessada através de “passar” por cisgênero. Esse viés é indicado por Ekins e King (2006), ao apontar que muitas pessoas trans procuram apenas uma confirmação de seu gênero: “Para estas, foi o processo social que as identificou e classificou erroneamente. Elas meramente buscam o que, para elas, é a identificação correta” (EKINS; KING, 2006, p. 28-29, tradução nossa).

Outro depoimento no mesmo *post* sugere uma análise crítica do desejo por “passar” – oferecendo resistência ao tema do tópico, que pede que o dispositivo não tenha sua legitimidade e importância questionadas. O comentário sugere uma reflexão a respeito da ansiedade em “passar”, apontando que esta é induzida por uma sociedade discriminatória que jamais está satisfeita:

Misteroid: Se você acha que passar é importante, seus sentimentos são completamente válidos. Eu sugiro que você dedique um pouco de tempo a examinar porque, exatamente, você se sente dessa forma; porque pode ser apenas resultado de pressão externa e ansiedade.

[...] No fim das contas, no entanto, esse não é um problema *nós*. É um problema *elas*. Nós existimos, não importa como as pessoas cis nos vejam. É contraproducente continuar normalizando essa atitude, de que nós precisamos agradar pessoas que irão nos tratar como merda de qualquer forma, ou quando descobrirem quem nós realmente somos. E fica muito próximo de justificar o escárnio dirigido a aqueles de nós que são incapazes de passar, ou não se interessam por isso.

---

Embora Misteroid inicie o comentário demonstrando respeito ao desejo de “passar”, suas palavras são uma crítica clara a ceder à ansiedade pela assimilação. Outro testemunho busca dar equilíbrio às duas perspectivas: o convívio entre existência política e ativista e o desejo de “passar”.

SupremeApple: Eu sou uma ativista trans visível e vocal. Eu estou no rádio, faço palestras, organizo eventos na comunidade, etc. Sou abertamente trans nas conversas diárias. Normalizar a experiência trans é um dos meus maiores objetivos de vida.

Eu também quero, desesperadamente, passar – para que eu possa me parecer com outras mulheres, para estar no controle da minha própria narrativa e, apesar de viver em um local tolerante, para que eu não precise lidar com pessoas transfóbicas.

É perceptível, nas discussões do *Reddit* a experiência de “passar” é percebida como uma forma de alcançar vivência semelhante à da maioria cisgênero. A perspectiva é apontada por Stryker (2017), ao afirmar que “passar” como pessoa cis gênero-normativa permite um tipo de acesso ao mundo que é frequentemente bloqueado diante da percepção ou identificação como trans. A alteridade da gênero-divergência, então, além de indesejada, é inevitável. Ao ser percebida como trans, essa pessoa se torna alvo de reações que incluem desconfiança, curiosidade, ostracismo e violência – em suma, carregam o potencial de configurar um “outro” aberrante. Como afirma Preciado (2019), ao atravessar a fronteira do gênero, tal qual um migrante, o corpo perde tanto cidadania quanto humanidade; lhe é removido o estatuto da cidadania política, e passa a ser um corpo que já não é reconhecido como um corpo humano. Tais efeitos de desumanização surgem nos subfóruns de temática trans do *Reddit* através de afirmações como “é passar ou morrer”. Embora o contraponto recorrente seja de que “passar” não é o objetivo da transição (e sim a melhoria das condições e da qualidade de vida a partir da resolução ou da atenuação da disforia de gênero), fica claro que o efeito é comumente percebido como única forma de resolver a própria condição trans – permanecer no corpo desumanizado surge como insuportável, reflexo da visão de si e do efeito supressor da cisnormatividade.

VagueFish: [...] Se eu passo? Essa é uma pergunta difícil. Eu tenho certeza que uma boa porcentagem das pessoas com que eu interajo jamais irão considerar que eu poderia ser trans. E tenho certeza que, com outras, esse não é o caso. [...] Mas em geral, estou satisfeita. Eu sou eu mesma em tempo

---

integral, e a maior parte do mundo me trata como a mulher que eu sou. Isso é muito. E é o suficiente.

CarefulMoose: Pra mim esse post é insano, comigo é estritamente passar ou morrer. Digo, que bom pra você, e não me entenda errado, mas essa ideia é totalmente alienígena pra mim.

IdleEel: Eu acho que nós todos queremos passar. Eu só não sei por que você está tão determinada a morrer caso não passe. Você pode viver uma vida boa como uma mulher trans que não passa. Apenas exige um pouco mais de força.

CarefulMoose: Não, obrigada. Minha disforia me paralisa, e especificamente a disforia social me destrói. Se eu não vou passar, prefiro não estar aqui.

Na discussão desse *post*, é possível perceber a diferença entre as visões de transição. VagueFish contenta-se em “passar” na maioria das vezes; IdleEel defende a possibilidade de uma boa vivência mesmo sem “passar”; CarefulMoose rejeita ambas as alternativas e leva em si o desafio de “passar” ou desistir de viver. Nesses casos, a visibilidade é percebida, seja pela alteridade relacional ou pela subjetividade, como pior do que a morte.

Nas análises teóricas e empíricas que realizamos, procuramos ressaltar que “passar” é um tema destacado nas discussões de acadêmicos e públicos trans. Percebemos em “passar” o apagamento da variação de gênero através da assimilação normativa, e, nos depoimentos no *Reddit*, o potencial de escape de uma alteridade que não é apenas relacional, mas internalizada. Nesse sentido, a construção de perspectivas a partir do reforço das identidades binárias provoca contradições: “passar” produz cisgeneridade, mas quem “passa” é submetido ao risco de um desvelamento que pode lhe destituir a legitimidade. A identidade, então, permanece subjugada ao radar normativo. Mas também notamos que “passar” é a forma como muitas das pessoas trans no *Reddit* percebem a possibilidade de uma realização de si no gênero que sentem internamente. Assim, as contradições dos *trans studies*, nas oposições entre seus paradigmas transexual (em busca do apagamento de uma gênero-divergência congênita) e transgênero (objetivando erodir e remodelar o sistema de gênero), não parecem suficientes para apaziguar as múltiplas complexidades retratadas pelos usuários trans do *Reddit* nos acionamentos de “passar”.

---

## REFERÊNCIAS

BETTCHER, T. Appearance, Reality and Gender Deception. *In*: MURCHADHA, F. (ed.) **Violence, victims, and justifications**. New York: Peter Lang Press, 2006. p. 174-200.

\_\_\_\_\_. Trapped in the Wrong Theory: Rethinking Trans Oppression and Resistance. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 39, n. 2, p. 383-406, 2014.

BORNSTEIN, K. **Gender Outlaw: On Men, Women, and the Rest of Us**. New York: Routledge, 1994.

EKINS, R; KING, D. **The Transgender Phenomenon**. London: Sage, 2006.

FEINBERG, L. **Transgender Liberation: A Movement whose Time Has Come**. New York: World View, 1992.

HARRISSON, K. (ed.) **Passing/Out: Sexual Identity Veiled and Revealed**. New York: Routledge, 2012.

HENNINGSSEN, K. “Calling [herself] Eleanor”: Gender Labor and Becoming a Woman in the Rykener Case. **Medieval Feminist Forum**, v. 55, n. 1, p. 249-266, 2019.

MORIEL, L. Passing and the Performance of Gender, Race, and Class Acts: A Theoretical Framework. **Women & Performance**, v. 15, n. 1, p. 167-210, 2005.

OVERALL, C. Transgender Identity and Passing Authentically, *In*: HARRISSON, K. (ed.) **Passing/Out: Sexual Identity Veiled and Revealed**. New York: Routledge, 2012.

PRECIADO, P. “Soy un disidente del sistema sexo-género”. [Entrevista concedida a] Anna Pères Pagès. **Àrtic**. Barcelona: Betevé, 12 de abril de 2019. Programa de TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Aa-RiOuYiE4>>. Acesso em: 19 set. 20.

PROSSER, J. **Second Skins: The Body Narratives of Transsexuality**. New York: Columbia University Press, 1998.

SERANO, J. **Whipping Girl: A Transsexual Woman on Sexism and the Scapegoating of Femininity**. 2 ed. New York: Basic Books, 2016. Edição do Kindle.

STONE, S. **The Empire Strikes Back: A Posttranssexual Manifesto**. 2014. Disponível em <<http://sandystone.com/empire-strikes-back.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 20.

STRYKER, S. (De)subjugated Knowledges: An Introduction to Transgender Studies. *In*: STRYKER, S; WHITTLE, S. (eds.) **The Transgender Studies Reader**. New York: Routledge, 2006. p. 1-17.

\_\_\_\_\_. **Transgender History: The Roots of Today's Revolution**. 2 ed. New York: Seal Press, 2017. Edição do Kindle.